



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

STEFANNY RAIANE MATTOS

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-413

Entrevistada: Stefanny Raiane Mattos

Nascimento: 09/11/1996

Local da entrevista: Caxias do Sul

Entrevistadora: Suélen de Souza Andres

Data da entrevista: 10/04/2014

Transcrição: Bruna Tomaschwski Perla

Copidesque: Suélen de Souza Andres e Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Suélen de Souza Andres

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 11 minutos e 36 segundos

Páginas Digitadas: 9 páginas.

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Suélen de Souza Andres intitulado *Mulheres e Handebol no Rio Grande do Sul: Narrativas acerca do processo de "profissionalização" da modalidade*

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Começo no handebol; Cidade onde iniciou; Clubes que passou; Ida para Espírito Santo; Remuneração no esporte; Vida dedicada para o handebol; Amizades; Handebol mais profissional; Família; Pouca visibilidade do handebol na mídia; Sonhos e angustias no handebol; Diferença do handebol feminino para o masculino; Profissional do handebol; Mensagem final.

Caxias do Sul, 10 de Abril de 2014. Entrevista com Stefanny Raiane Mattos a cargo da pesquisadora Suélen de Souza Andres para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.A. – Stefanny, conta um pouquinho da sua história no Handebol. Quando iniciou? Foi no Handebol ou em outro esporte?

S.M. – Comecei no Handebol em 2005. Mas era uma vez por semana, só por diversão mesmo. Os anos foram passando e em 2006, 2007 já treinava todo o dia, fui criando aquela paixão e de uma hora para a outra eu percebi que não conseguia mais viver sem. Virou rotina, paixão e estou até hoje e espero que continue.

S.A. – Iniciou aqui em Caxias do Sul¹ jogando ou iniciou em outro lugar?

S.M. – Eu iniciei em Osório², aqui pertinho, em 2005.

S.A. – Já atuaste em algum outro clube antes?

S.M. – Sim, ano passado fomos, eu e mais duas, para o Espírito Santo. No caso eu joguei de 2005 até 2012 em Osório, ano passado em Espírito Santo e esse ano aqui.

S.A. – O nome do time no Espírito Santo?

S.M. – É Castro Alves³.

S.A. – E lá já tinha contrato, como se deu a tua ida para Espírito Santo e depois a tua vinda aqui para a UCS⁴?

¹ Caxias do Sul , Rio Grande do Sul.

² Osório, Rio Grande do Sul.

³ Colégio Castro Alves, Cariacica.

⁴ Universidade de Caxias do Sul.

S.M. – A intenção era ficar em Osório, mas deu umas brigas, então conversamos com o cara, ele fez a proposta e a gente foi. Mas não tinha nada assinado, sem contrato, era tudo na palavra mesmo, foi assim. E para cá a gente foi para o acampamento da Seleção. Mas na verdade o Gabriel Citton já nos conhecia desde as bases, por estarmos sempre em convívio. Ele fez a proposta e a gente veio.

S.A. – Tu jogaste em Espírito Santo com uma ajuda de custo, salário ou por conta própria?

S.M. – Não tinha um salário, mas no caso era tudo pago, casa, comida, tudo. Mas salário de fora a gente não ganhava.

S.A. – Não?

S.M. – Não.

S.A. – E aqui tu ganhas alguma coisa fora?

S.M. – Aqui a gente ganha ajuda de custo.

S.A. – Hoje tu vives exclusivamente do Handebol ou tu tens que fazer outras coisas, pedir ajuda para a família, ter outro emprego para se sustentar?

S.M. – Basicamente a gente vive assim, só para o Handebol mesmo, mas ajuda da família sempre tem aquele pouquinho [riso], mas é exclusivamente do Handebol.

S.A. – Já teve o benefício do Bolsa Atleta?

S.M. – Ainda não, a gente ficou de ganhar esse ano por ter ganhado ano passado o campeonato nacional, ficar entre os três primeiros.

S.A. – Já foi convocada para a Seleção?

S.M. – Para a Seleção oficial não.

S.A. – Para as categorias de base?

S.M. – Também não.

S.A. – O que o Handebol já te proporcionou?

S.M. – Muitas amizades, viagens, a gente conhece vários cantos do Brasil. Amizade, convívio com pessoas diferentes, uma de cada Estado, experiências.

S.A. – Quando tu consideraste ter passado do Handebol de lazer para um Handebol mais sério, de rendimento, mais voltado para o esporte profissional?

S.M. – Acho que em 2011, quando já era cadete, mas ainda assim não tinha muita responsabilidade. Agora a partir do primeiro ano de juvenil que eu acho que tu sabes que quer aquilo mesmo. Vem desde quando começa, mas a partir do momento que pensei, que eu tive certeza que vou conseguir, que vou tentar. Foi a partir de, eu acho de quinze anos.

S.A. – E como a tua família encara a decisão de se dedicar ao Handebol?

S.M. – No começo sempre tinha aquelas coisinhas assim: “Ah, para que tu vais todos os dias treinar se isso é só uma brincadeira.” ou “Você é nova.” Mas a partir do momento que eles perceberam que eu queria realmente isso como profissão, para a minha vida, eles encararam juntos e me ajudam muito. Por exemplo, se eu estou indo em algum jogo e aconteceu qualquer coisa familiar, eles tentam não me contar para não me abalar. Ajudam-me muito nessa parte psicológica, como um mini empresário, mas como ainda não é profissional, eles ajudam muito, encaram isso como um trabalho mesmo.

S.A. – E como é a tua rotina de treinos, estudar, família? Como tu concilias isso?

S.M. – A gente não tem muito tempo, tanto que a gente vive cansada. Mas geralmente eu acordo, estudo, almoço, volto para casa, se tiver tempo durmo, se não tiver tempo para fazer. A gente fica dois, três dias sem falar com a família porque tem que descansar, estudar ou

coisa assim. A gente acostuma, a saudade tem que aguentar, não adianta. É difícil, mas ao longo do tempo vai acostumando e vai virando rotina.

S.A. – Como tu vê a relação do Handebol com a mídia?

S.M. – É bem fraca, agora que está aumentando, elevando o nível, mas só pelo fato das meninas terem sido Campeãs Mundiais. Porque sempre foi muito decadente, nunca tinha patrocínio, ninguém sabia o que era Handebol, achavam que era Futebol com as mãos, como geralmente as pessoas julgam. Mas agora esta sendo mais visto, crescendo mais, evoluindo, eu acho que ainda vai chegar num ponto bem bom para o Brasil inteiro.

S.A. – E tu vê mudança no interesse do público em relação ao Handebol?

S.M. – Muito, pelo fato de estar aparecendo um pouquinho mais na mídia, está aparecendo bem pouquinho, mas já está chegando. É um esporte novo, é uma coisa legal, diferente, de contato. Tem aquela coisa que, por exemplo, a gente está vendo um jogo e uma pessoa se machuca, querendo ou não, sempre tem aquela atração, então eu acho que agora está crescendo esse público.

S.A. – Já teve alguma frustração com o Handebol?

S.M. – Basicamente não, muitas pessoas já se machucaram, mas eu nunca me machuquei seriamente. É frustração como de qualquer outro esporte, mas é bem pouco.

S.A. – Tem algum sonho?

S.M. – Tenho é claro [riso], chegar ao nível de Seleção Brasileira, jogar na Europa, se Deus quiser. Até quando eu chegar ao profissional, aqui vai estar muito mais forte, talvez em nível parecido da Europa, então não precisa nem sair do Brasil. Mas como lá o nível é muito mais elevado, é tudo mais profissional, acaba que todo atleta tem o sonho de ir para a Europa, jogar em uma Seleção Brasileira adulta. É um dos maiores sonhos que a gente tem.

S.A. – Tu vêes diferença em relação ao Handebol masculino para o feminino, não em questões físicas do homem e da mulher, mas assim, incentivo, patrocínios?

S.M. – Tem, acho que o feminino é mais visível, pelo fato de já ter sido um esporte feminino mesmo. Tem mais valorização, até em questão de campeonatos. Geralmente o masculino não tem muito time profissional, então as opções femininas são maiores do que as masculinas.

S.A. – E em sua opinião, o que poderia ser feito no Brasil para o Handebol feminino ser mais valorizado, ter mais transmissões, ser mais bem remunerado?

S.M. – Eu acho que primeiramente tinha que ter uma ajuda assim de, como vou explicar, uma visualização maior da mídia, que tudo que passa geralmente no Globo Esporte, uma coisa assim, um pouco mais. Agora está passando um pouquinho, mas ainda continua sendo aquele que a pessoa não vê às vezes, não tem o horário, sei lá, agora tá passando mais na SKY, mas acho que na televisão aberta, isso incentiva muito, para a pessoa ver e a partir do momento que o público começar a ver que está passando, que está valorizando, vai começar a gostar, porque é um esporte muito legal e é diferente dos demais.

S.A. – Para você o que é ser profissional do esporte, em específico, o que é ser uma profissional do Handebol?

S.M. – Eu acho que é basicamente tu teres compromissos e perseverança, não adianta só dizer assim: “Eu sou atleta, eu vou ser.” Não! Tem tantas coisas que inclui isso, fora e dentro de quadra. Sempre ter um psicológico muito forte, porque vai ter que aguentar coisa que não seria assim, se fosse só brincar. Então acho que a responsabilidade é maior que tudo.

S.A. – O que tu dirias para uma menina que está iniciando lá na categoria de base com sonho de ser uma profissional do Handebol.

S.M. – Eu diria que o caminho é muito difícil e para quem quer chegar realmente, tem muitas coisas, tem que abrir mão de tantas coisas, por exemplo, festas, namorados,

bebidas, coisas assim, nada serve para atleta, principalmente na categoria de base. Então o negocio é se manter sempre no foco, estudo e Handebol, e não levar apenas como brincadeira, sempre pensando assim: “ Eu quero chegar, então eu vou abrir mão, porque depois festa, essas coisas tudo eu vou ter depois, nos meus trinta anos.” Se eu quiser parar de jogar Handebol eu vou ter tudo isso, talvez até mais pelo fato de eu ter jogado, de ter conhecido muito mais gente, tenho mais lugares para ir. Vai ser sempre isso, saber aproveitar o momento certo, porque não basta querer. “Agora eu tenho dezoito anos eu vou querer jogar Handebol”, isso não vai aparecer do nada, sempre vem de uma longa caminhada.

S.A. – Alguma coisa que eu não perguntei ou alguma coisa que você gostaria de comentar mais?

S.M. – Acho que era isso [riso].

S.A. – Então em meu nome e em nome do Centro de Memória do Esporte agradeço.

[FINAL DA ENTREVISTA]